

O governo se reúne com seus adversários. Para discutir a economia.

Todos os ministros da área econômica, mais o ministro das Relações Exteriores e seis economistas especialmente convidados, representando correntes diferentes do pensamento econômico, passarão praticamente todo o dia de hoje reunidos com o presidente José Sarney, na Granja do Torto, em Brasília. O objetivo do encontro, segundo disse ontem o próprio Sarney, não é discutir a ação do governo, mas a troca de idéias. Outras fontes, por sua vez, acrescentaram que a reunião servirá também para que o presidente tenha uma visão mais abrangente das questões econômicas.

Segundo Sarney, essa iniciativa não deverá provocar constrangimentos aos seus ministros, por causa da participação de economistas que não estão no governo. Isso será importante, disse ele, para que se conheça também a opinião dessas pessoas sobre os aspectos da política econômica. Ele citou, por exemplo, o caso dos juros, lembrando que podem surgir melhores sugestões sobre como o governo deve proceder para baixar as taxas. Nesse caso, caberá ao ministro responsável pelo assunto apoiar as novas idéias ou dizer porque não concorda. Sarney procurou deixar bem claro que não será uma sabatina e garantiu que reuniões semelhantes serão realizadas, envolvendo até mesmo outras áreas.

Críticas

O PMDB estará representado por dois economistas da Unicamp, Luiz Gonzaga Beluzzo e João Manoel Cardoso de Mello, críticos contundentes da atual estratégia econômica. Ambos, a exemplo do secretário de Planejamento de São Paulo, José Serra, insistem na inconsistência das medidas até aqui adotadas, como a alteração na fórmula da correção monetária, que teria causado um prejuízo de Cr\$ 40 trilhões ao governo, a renegociação da dívida externa e, mesmo, a incompatibilidade entre controle de preços e taxa de juros.

A Frente Liberal terá, entre os economistas, o professor Mário Henrique Simonsen, ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, que na quinta-feira foi incisivo em condenar a Nova República pela indefinição de uma política econômica. Na prática, porém, Simonsen propõe o mesmo remédio que a Nova República, através do ministro Francisco Dornelles, da Fazenda, está tentando impor: corte de despesas e aumento de impostos, para cobrir o déficit público.

Certamente será um debate ríco. Beluzzo, através das páginas da revista *Senhor*, toda semana critica o ministro da Fazenda. Simonsen, que apóia Dornelles, dirige mais farras ao ministro do Planejamento, João Sayad. Entre os que estarão no meio-campo, dois economistas conhecedores da máquina burocrática: Ibrahim Eris e Luís Paulo Rosenberg. Ambos trabalharam com Delfim Neto e continuam a dar assistência ao governo, através de uma empresa de consultoria.

Eris, por sinal, é apontado por técnicos do próprio governo como uma das pessoas que mais tem apresentado "idéias perversas", na área de Imposto de Renda, contra os assalariados. Quanto a Luís Pau-

lo Rosenberg, tem preocupações com a questão do desemprego e da distribuição da renda. Mas quem o conhece o aponta como essencialmente técnico — serve a quem o procura em sua empresa de consultoria.

Divergências

Além das naturais divergências durante a reunião, é de se prever também colocações diferentes entre os próprios ministros. Pedro Simon, da Agricultura, em público elogia o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que estaria liberando todas as verbas necessárias para o setor agrícola. Informalmente, porém, as notícias dão conta de que Simon costuma apontar Dornelles como um "ortodoxo", que deve ser expurgado do governo. Por sua vez, Sayad e Dornelles não dançam a mesma música: Dornelles, refletindo o pensamento da maioria do empresariado, defende corte de despesas do governo em vez de aumento de impostos. E Sayad, mais estatizante, sugere aumento da carga tributária. Divergem também em relação à estratégia da renegociação da dívida externa.

Sabe-se que Sayad procura refletir dentro do governo a insatisfação de uma fração do PMDB com os rumos da política econômica. Na área da Fazenda, onde todos esses movimentos costumam ser identificados logo, a certeza é de que seja quem for o ministro da Fazenda, não há outro remédio a adotar na questão das finanças públicas. O próprio senador Fernando Henrique Cardoso, líder do governo no Congresso, confessou: "Se Tancredo fosse vivo, a política econômica seria ainda mais ortodoxa e conservadora. O compromisso de Tancredo era o de sanear o caixa do governo".

Ajuste

Na prática, portanto, a reunião de hoje, convocada pelo presidente José Sarney, vai servir para uma medição de forças dentro da Aliança Democrática. Sarney ouvirá diferentes economistas, de correntes diversas, e sentirá de fato o que deve ser corrigido na política econômica. Afinal, é de se registrar que até agora houve a imposição meramente de uma estratégia preventiva, para evitar uma hiperinflação. A política econômica mesmo só ficará clara a partir do programa de ajuste com o FMI, com a definição dos métodos de combate ao déficit público.

Segundo o chefe do Gabinete Civil da Presidência, Hugo Castelo Branco, a reunião de hoje será "um fórum de debates para a troca de idéias sobre a política econômico-financeira e internacional, sem se ater à análise dos atos do governo. Tanto que estarão reunidos economistas de escolas diferentes, como os ex-ministros Mário Henrique Simonsen (monetarista) e Antônio Dias Leite (estruturalista). A agenda é livre e inclui o debate do quadro externo, assim é que se justifica a presença do ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal".

